



Recebido em 18/09/2020

Aceito em 22/10/2020

DOI: 10.26512/emtempos.v1i37.34235

DOSSIÊ

Cinema e memória urbana: documentário *Estrutural* e narrativas sobre a consolidação da Cidade Estrutural – DF

Cinema and urban memory:
Estrutural documentary and narratives about the
consolidation of Cidade Estrutural – DF

Leila Saads

Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo na UnB

orcid.org/0000-0002-6606-1901

leila.saads@hotmail.com

RESUMO: A aproximadamente sete quilômetros do Plano Piloto de Brasília, margeando uma das principais vias de ligação entre este e outras cidades do Distrito Federal (DF), se encontra a Cidade Estrutural. Sua história remete aos primeiros anos de existência da nova capital, quando algumas catadoras, enxergando na reciclagem uma forma de sustento, se estabeleceram na região. Seu processo de consolidação como cidade foi longo e complexo. O documentário *Estrutural*, dirigido por Webson Dias e lançado em 2016, utiliza-se de diversas fontes (fotografias, vídeos, depoimentos, peças publicitárias) para tentar entender e narrar a história dessa cidade. O presente artigo tem o intuito de tecer narrativas possíveis sobre a formação da Cidade Estrutural a partir do diálogo entre o filme de Dias e parte da produção acadêmica sobre essa ocupação urbana. Para tanto, será proposta uma articulação entre os conceitos de território, experiência e memória, entendendo como, nas intersecções desses conceitos, torna-se possível compreender as disputas políticas e territoriais representadas no documentário *Estrutural* e as imagens de cidade que emergem a partir dessas representações.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Território. História de Brasília.

ABSTRACT: Approximately seven kilometers from the Plano Piloto in Brasília, bordering one of the main connecting routes between this area and other cities in the Federal District (DF), is Cidade Estrutural. Its history goes back to the first years of the new capital's existence, when some waste collectors, identifying recycling as a livelihood, settled in the region. Its consolidation process as a city was long and complex. The documentary *Estrutural*, directed by Webson Dias and released in 2016, uses several sources (photographs, videos, testimonies, public pieces) to try to understand and tell the history of this city. This article aims to weave possible narratives about the formation of the Cidade Estrutural from the dialogue between Dias' film and part of the academic production on this urban occupation. Therefore, an articulation between the concepts of territory, experience and memory will be proposed, understanding how, at the intersections of these concepts, it becomes possible to understand the political and territorial disputes

represented in the documentary *Estrutural* and what city images emerge from these representations .

KEYWORDS: Memory. Territory. Brasilia's history.

Introdução

Julho de 1997: uma pessoa ensina a outra como operar uma filmadora. A paisagem que emerge na tela é árida. O chão de barro contrasta com o azul sem nuvens do céu – é período de seca no Planalto Central do Brasil. *Zoom-in*: um homem solitário ergue uma construção em madeira. *Zoom-out*: a visão da espectadora¹ sobre a cena se amplia, outros esqueletos de futuras construções em madeira aparecem, humanizando a paisagem. À esquerda uma placa onde se lê “madeireira” indica que ali, naquele descampado de terra batida, outras muitas construções virão a ser erguidas.

Depois das primeiras cenas, duas moradoras relembram, no presente, o início da Cidade Estrutural por meio de fotografias antigas. São imagens que mostram o processo de construção da cidade: manifestações e passeatas, barracos de madeirite, amplos espaços vazios hoje construídos e re-significados. As duas refletem:

- Quem diria que a Estrutural ia virar uma cidade, né?
- E [diziam] “não, não pode ficar não, tem que tirar, tem que tirar; não pode, não pode!”, olha aí ó.

Corte. A câmera estática mostra à espectadora uma paisagem urbana consolidada: o amanhecer em uma das ruas da Cidade Estrutural contemporânea. Nossos olhos seguem o trajeto do asfalto sem ver o seu final. Construções em alvenaria se impõem dos dois lados da tela, até onde o horizonte alcança [*figura 1*].

Essa fluidez entre passado e presente, registro e memória, dão tom ao documentário *Estrutural*, de Webson Dias. Filmagens e fotografias da década de 1990, são intercaladas por imagens aéreas e panorâmicas da Cidade Estrutural hoje em dia. As entrevistas com moradoras que participaram do período de expansão e consolidação da Estrutural, conectam as duas temporalidades: passado e presente se encontram através das memórias das habitantes que lutaram para que a cidade existisse.

¹ Neste artigo, fazemos uso do “feminino genérico” com o intuito convidar a leitora a refletir e problematizar a utilização generalizada e inconsciente do “masculino genérico” no português padrão. Entendemos que a exclusão das mulheres da linguagem genérica usual e formal, acaba por silenciar e apagar suas ações e protagonismos das narrativas, criando e fortalecendo estereótipos referentes a papéis de gênero. A intenção não é defendê-lo como padrão – invertendo a hierarquia e seguindo a mesma lógica excludente –, mas sim, visibilizar uma questão político-linguística sem solucioná-la em definitivo. Sobre algumas reflexões ligadas à linguagem não-sexista ver: <https://www.geledes.org.br/linguagem-inclusiva-de-genero-em-trabalho-academico/> Último acesso em: 27 de maio de 2020.



Figura 1: Cena do documentário "Estrutural". Reprodução do YouTube

Ao caminharmos por uma cidade construída e consolidada, muitas vezes, apagamos a historicidade de sua materialização. Como se suas existências, suas edificações e organizações, ultrapassassem a dimensão da experiência humana. Na Estrutural, mudanças na disposição urbana – frequentemente impostas pelo governo e sem diálogo com a população – e a chegada frequente de novas moradoras, acabaram por criar espaços irreconhecíveis, ausentes de significado e afetividade para quem há muito morava ali. A memória sobre os inícios da cidade vai, então, se diluindo, se perdendo. O nascimento das novas gerações e a passagem do tempo aumentam ainda mais a sensação de que as cidades surgem descoladas da ação humana, nos fazendo parecer impotentes diante do lugar que nos circunda – como se este existisse para além de nossas ações.² Enfatizar a historicidade do urbano, construindo uma narrativa sobre o surgimento e a consolidação da Estrutural, essa é a intenção que parece estar por trás do documentário de Dias – ele próprio ex-morador da cidade.

Intercalando o atual com o antigo, Dias parece nos perguntar: “como essa cidade que existe hoje se constituiu ao longo do tempo? Qual a sua história? Que camadas de tempo se escondem em suas edificações, seus traçados, seus vazios?” No presente artigo faremos uma análise do filme de Webson Dias, articulando sua narrativa a pesquisas existentes sobre a Cidade Estrutural e, também, aos conceitos de *memória* e *território*. O objetivo do artigo é analisar como a narrativa sobre história da cidade foi construída pelo documentário e, a partir disso, entender que cidade emerge através dessa narrativa.

² Durante quatro anos fui professora do Centro Educacional 01 da Estrutural, dando aulas de História para alunas do 6º ano. Desenvolvi um projeto sobre a história da Cidade Estrutural e percebi que a grande maioria das estudantes pouco conhecia sobre trajetória da cidade em que vivia. Com essa falta de memórias compartilhadas sobre o passado da cidade, percebi que elas viam a Estrutural algo pronto e acabado, que sempre existiu, que “sempre vai ser assim”. Ou seja, não tomavam a cidade para si, não se sentiam identificados com a Estrutural, nem capazes de alterar e modificar o lugar em que viviam.

Cidade Estrutural: diálogos entre o cinema e produção acadêmica

A aproximadamente sete quilômetros do Plano Piloto, margeando uma das principais vias de ligação entre este e outras cidades do Distrito Federal (DF), se encontra a Cidade Estrutural³. Foi ali que por mais de 50 anos Brasília despejou o que não condizia com a transparência de seus vitrais e espelhos d'água: seu lixo. Mas a Cidade Estrutural, ou simplesmente Estrutural, como é conhecida, é mais do que o lixão que permeou sua história⁴ e, certamente, muito mais do que as reportagens que as páginas policiais dos principais jornais de Brasília deixam transparecer⁵.

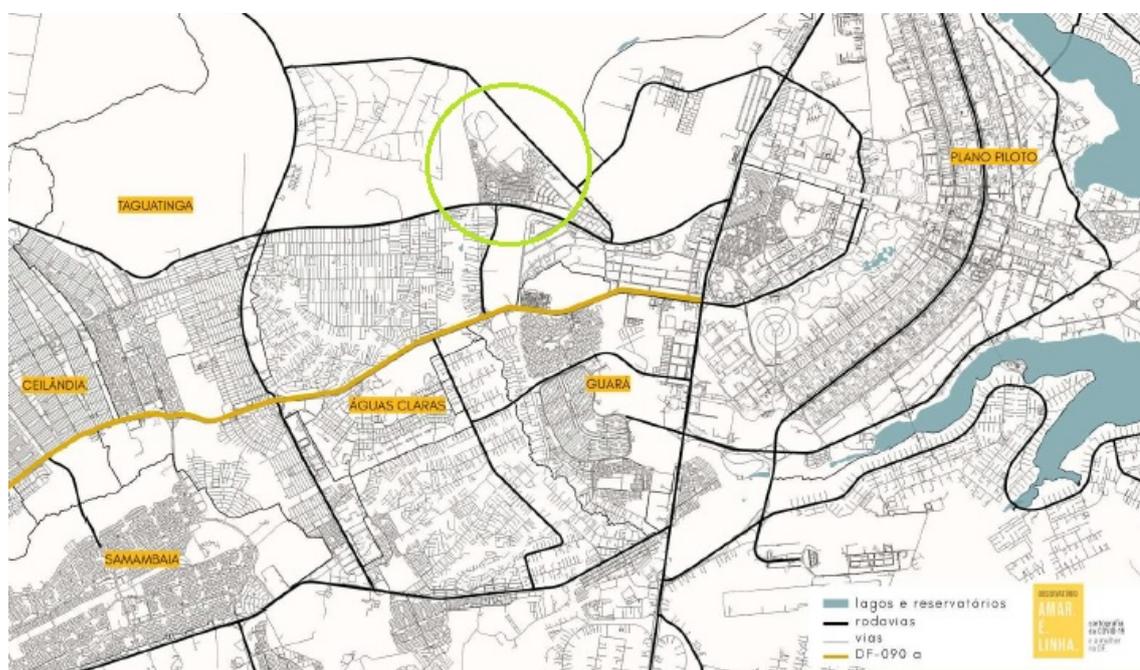


Figura 2: Mapa do eixo sudoeste do DF, com a Cidade Estrutural circulado em verde [grifo meu]. Fonte: arte de Julia Bianchi para o Observatório mar.ê.linha, 2020.

Brasília foi planejada e pensada, na segunda metade da década de 1950, para se tornar a capital do Brasil, sede do Governo Federal. No entanto, a cidade extrapolou em muito os objetivos para os quais foi construída. Operários e suas famílias, além de outras pessoas ligadas à construção da capital, se estabeleceram no território do DF ainda nos momentos

³ Cidade situada às margens da rodovia DF-095, também chamada de Estrada Parque Ceilândia, mas batizada pelos moradores do DF como Via Estrutural. Os outros limites da cidade são: a Cidade do Automóvel, o córrego cabeceira do Vale e o Parque Nacional de Brasília. (ORREGO, 2013, p. 50)

⁴ O lixão da Estrutural, considerado o maior lixão a céu aberto da América Latina, foi desativado em janeiro de 2018.

⁵ Em seu Trabalho de Conclusão de Curso, na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, Marcella de Camargo analisou reportagens sobre a Cidade Estrutural publicadas no *Correio Braziliense* no ano de 2011. Segundo a pesquisadora, a temática mais recorrente entre as 190 notícias analisadas foi a de “crime e violência”, correspondendo a pouco mais de 20% (2013, p. 45).

iniciais de ocupação da região. A cidade, que já foi conhecida como “capital da esperança”,⁶ também exerceu – e ainda exerce – um forte poder de atração para migrantes de diversas regiões do país. Isso criou grande demanda habitacional, especialmente entre a população de baixa renda, o que acompanha a história de Brasília desde antes de sua inauguração, em 21 de abril de 1960.

Com o intuito de proteger o planejamento inicial da cidade, a ocupação habitacional do DF foi processada, como escreveu James Holston (2010), por meio de uma *incorporação diferenciada*. Enquanto a burocracia federal foi recrutada para trabalhar e residir na capital, os trabalhadores da construção civil eram chamados para erigir a cidade, mas destituídos do direito de morar nela (HOLSTON, 2010, p. 205). No entanto, as intenções dos planejadores não se concretizaram. A criação de Taguatinga, em 1959, antes mesmo da inauguração formal de Brasília, evidencia que uma população não prevista se fixou rapidamente no território do DF, forçando o Estado formular políticas habitacionais específicas para populações de baixa renda. Políticas essas que visavam proteger o projeto do Plano Piloto, afastando essas populações de seu perímetro com a criação núcleos urbanos afastados do centro – Taguatinga, por exemplo, fica a aproximadamente 21 km do Plano Piloto.

É nesse contexto de déficit de moradias e inchaço populacional que se insere a história da Cidade Estrutural. De acordo com Caroline Santos (2013, p. 21), as primeiras famílias chegaram na região em 1958, acompanhando a mudança do lixão de Brasília para as proximidades do Parque Nacional de Brasília, onde hoje está a Estrutural. Essas famílias sobreviviam da coleta de materiais recicláveis encontrados em meio ao lixo. Com o tempo, diante das dificuldades de locomoção por meio do transporte público, algumas famílias de catadoras passaram a viver nas imediações do lixão. Outras, no entanto, trabalhavam na região durante o dia, mas voltavam para dormir em casa, em cidades como Ceilândia e Taguatinga (Ibidem, p. 23).

Durante as décadas de 1970 e 1980 a ocupação cresceu de forma lenta, o que começou a mudar na primeira metade da década de 1990. Em 1992, viviam ali aproximadamente 300 famílias. Em 1993, este número subiu para 393 famílias. E, em 1994, há registros da presença de 700 famílias vivendo no local (Ibidem, p. 24). Em 2005, a Estrutural já era uma das maiores ocupações do DF, com aproximadamente 6.700 famílias, algo entorno de 30 mil habitantes (ORREGO, 2013, p. 55). Desses, aproximadamente 11 mil vivem na Santa Luzia – considerada uma periferia da Estrutural –, ocupação que surgiu no ano 2000 às margens do Parque Nacional de Brasília.⁷

A chegada de mais moradoras, a partir da década de 1990, trouxe novas demandas e conflitos para a Estrutural, tanto na relação entre novas e antigas

⁶ Expressão proferida em 1959 pelo ministro da Agricultura do governo do presidente Juscelino Kubitschek, André Malraux (WISNIK, 2010, p. 11).

⁷ A Cidade Estrutural é considerada uma das ocupações urbanas mais vulneráveis do DF. Na comparação da renda *per capita* de todas as Regiões Administrativas do DF, na Pesquisa Distrital por Amostra em Domicílios de 2018, a Cidade Estrutural (RA XXV SCIA/Estrutural) estava na última posição, com renda *per capita* de R\$573,34 (GDF, 2018, p. 03). Disponível em: http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/Destaques_PDAD_revisado.pdf Último acesso em: 15 de setembro de 2020.

habitantes, quanto na relação destas com o Estado. A cidade passou a ser alvo do interesse de alguns grupos políticos e, ao mesmo tempo, resistia às tentativas do governo de remoção. Algumas organizações começaram a surgir a partir da necessidade das moradoras de se articularem de maneira mais sistemática. Em 1994, aliadas a figuras políticas como os deputados distritais José Edmar, Tadeu Fillipelli e Luiz Estevão, chegaram à Estrutural duas lideranças que passaram a movimentar a vida política do lugar: José Joaquim e Marlene Mendes. A cidade passou, então, a ser dividida em duas áreas: a Vila Velha, situada mais próxima ao lixão, e a Vila Nova, localizada onde hoje é a Cidade do Automóvel (SANTOS, 2013, pp. 25-30).



Figura 3: Expansão da Estrutural. Vila Nova. Cena do documentário "Estrutural". Reprodução do YouTube.

Webson Dias, diretor do filme *Estrutural*, lançado em 2016, passou treze anos recolhendo material, filmando, produzindo e finalizando o documentário. *Estrutural* é uma narrativa sobre a história da Cidade Estrutural, centrada principalmente na década de 1990, período de inchaço populacional e intensos confrontos com o governo. O filme nasceu da inquietação de Dias diante dos rumos tomados pela cidade em que vivia. Nesse intuito, o diretor reuniu grande acervo documental: foram mais de mil fotografias analisadas, reportagens de jornais, peças publicitárias eleitorais, filmagens amadoras. Além disso, Dias entrevistou moradoras, figuras políticas e líderes comunitárias para falar dos confrontos e da fase de consolidação da cidade.

Um dos enfoques da narrativa é o processo de apropriação política, para fins econômicos e eleitorais, de uma demanda real que, como vimos, incide especialmente sobre as comunidades de baixa renda do DF: o déficit de moradias. Uma das primeiras entrevistas do documentário é a da Dona Geralda, uma das moradoras mais antigas da Estrutural. Sua fala enfatiza uma diferença que parece ter sedimentado as relações da população da região com o território antes e depois da expansão que culminou na formação das duas vilas: enquanto as

moradoras mais antigas sentiam-se ligadas ao espaço ocupado, as novas utilizavam o espaço como meio de conseguirem uma moradia definitiva, sem criar uma identificação mais profunda com ele.

Sem um processo de identificação, fruto de uma sedimentação cultural ocorrida através do tempo na relação entre uma população e seu espaço vivido, não há identidade territorial. Esta, de acordo com Fabio Pollice (2010, p. 11), pode ser interpretada como sentido de pertença, identificação social, representação partilhada de um *si* coletivo em determinado território. O espaço, então, se *territorializa*, ganhando sentido através da interação cotidiana entre este e a população. Sentir-se identificado com um lugar, enriquecê-lo simbolicamente através de práticas de espaço⁸ ao longo do tempo, é um processo fundamental para que uma população reconheça a si mesma como agente de mudanças e transformações do meio urbano.

Como a coletividade é suporte importantíssimo da memória (Bosi, 2003, p. 70), a complexificação dos territórios, aliada à ausência de comunicação e diálogo entre experiências vivenciadas no mesmo espaço, criam a sensação de que o território se fragmenta. Enquanto as narrativas oficiais sobre a história de Brasília não cansam de enaltecer seus fundadores – aclamando, sempre que possível, JK, Oscar Niemeyer, Lucio Costa –, a memória sobre a ação das pessoas que tornaram possível a criação de outras cidades do DF (como a Estrutural) se pulveriza diante da passagem do tempo. Existe pouco suporte para que essa memória seja narrada, comunicada entre as gerações: pouco espaço na mídia, ausência de espaços de memória como museus e monumentos, poucas ações educativas sobre a história das cidades nas escolas.⁹ Nesse sentido, o filme de Dias, além de uma tentativa de compreender a cidade, aparece como um suporte para que memórias da (e sobre a) cidade sejam compartilhadas e resistam ao tempo.

Para Koselleck (2006, p. 312), *a experiência é o passado atual*, ela existe quando acontecimentos passados foram incorporados pelo sujeito e incidem sobre a sua vida, e/ou podem ser lembrados por esse sujeito. Experiências não se referem, necessariamente, apenas aos acontecimentos vividos pelo sujeito – elas podem ser transmitidas, por exemplo, de geração para geração. Se a característica-chave da experiência reside no fato dela ser uma elaboração do passado, tornando o passado presente – não tal qual aconteceu, mas na forma de uma representação desse passado –, isso significa que uma das matérias-primas da experiência é a *memória*.

⁸ Múltiplos poderes (Estado ou empresariado, por exemplo) tecem suas teias sobre o território das cidades, buscando racionalizar seus usos. Mas, no cotidiano, os centros urbanos se transformam e se recriam através do uso que seus moradores (usuários) fazem deles, ou seja, das suas práticas do espaço (CERTEAU, 2011, p. 162).

⁹ A Cidade Estrutural é campo de várias iniciativas que visam contar e recontar as histórias da cidade. No entanto, diante da conjuntura política brasileira dos últimos anos, algumas dessas iniciativas sofreram com a falta de investimento estatal e o desmantelamento de políticas públicas nas áreas de educação patrimonial e memória. Foi o caso do Ponto de Memória da Estrutural, por exemplo que, sem verbas, precisou entregar sua sede, além de enfrentar furtos em seus acervos. De acordo com a educadora popular e ativista da Estrutural Maria Abadia Teixeira de Jesus, boa parte do acervo foi perdido pelo fechamento da sede do Ponto de Memória e a consequente inviabilidade de conservação e proteção das fotografias, gravações e documentos. O artigo de 2014 intitulado *Luta resistência e conquista: uma experiência museal na Cidade Estrutural*, escrito pela equipe de coordenação do Ponto de Memória da Estrutural, quando o Ponto ainda tinha sede, conta um pouco da relevância da iniciativa para a cidade.

Em sua definição mais básica, a memória pode ser entendida como *a presença do passado* (ROUSSO, 2006, 94) ou, de maneira mais circunscrita, como a presença do passado evocado. O que diferencia a memória da experiência é a intencionalidade da primeira. Como escreveu Eclea Bosi (2003, 51), *a memória é um trabalho sobre o tempo*. Enquanto a experiência, para Koselleck, tem dimensões inconscientes e geracionais, a memória se materializa através do ato de lembrar e narrar – para si mesmo ou outra pessoa. Ou seja, memória é ação, é trabalho, é narrativa. Como sintetizou Henry Rousso (2006, 94), a memória é uma construção intelectual que culmina em uma representação seletiva do passado. Passado este que nunca é apenas da pessoa que rememora, mas de uma pessoa inserida em um contexto social, histórico.

Para Caroline Santos (2013, p. 27), as entrevistas que realizou durante a pesquisa evidenciaram que a Vila Nova não representava, para a população que passou a ocupá-la, “nem um lugar para morar em definitivo e nem a propriedade do lote, mas uma forma de aguardar e obrigar a negociação com o governo”. Essa perspectiva é reforçada, no documentário de Webson Dias, pelas diferenças marcantes entre as falas de Dona Geralda e aquelas tecidas pelas antigas habitantes da Vila Nova. Dona Geralda foi presidente da primeira associação da localidade (Associação Comunidade do Lixão – Ascol), que intermediava os diálogos entre moradoras da região onde hoje se situa a Estrutural e governo, antes mesmo do surgimento da Vila Nova. Em sua curta fala ela rememora características da ocupação antes da junção das duas vilas: lotes maiores (formados a partir do uso cotidiano do espaço), as árvores e a natureza, a relação entre o lugar de moradia e o trabalho no lixão, o crescimento populacional lento. Em contraposição, a fala de Zezé, um dos moradores da Vila Nova, revela uma ocupação do solo radicalmente diferente: “*Seu Joaquim, que era o vice-presidente [da Associação de Moradores da Estrutural – ASMOES], me deu a coordenação aqui, e eu loteei tudo. Lote um, dois, três quatro. Loteei e enderecei tudo isso aqui [...] até a quadra seis, porque pra cima era mais invasão.*”. Ou seja, os lotes eram divididos e demarcados antes mesmo da chegada de novas moradoras, o que deixa transparecer uma ação, por parte dessas lideranças, no sentido de estimular, de fato, a expansão da ocupação.

São duas formas diferentes de se relacionar com o espaço habitado. Enquanto as memórias das moradoras mais antigas fazem referência a um espaço territorializado com o qual se conectavam e identificavam – possuindo redes de solidariedade e afetividade em um espaço significado –, as novas habitantes enxergavam a ocupação como um lugar temporário para viver, um meio necessário até conquistarem o sonhado lote. Se os territórios são criados a partir de experiências coletivas das pessoas na cidade, dos significados que são construídos e partilhados a partir dessas experiências ao longo do tempo, sem memória, então, não existe território, ou identidade territorial. No caso da Estrutural, a chegada massiva de novas moradoras e as ações de remoção empreendidas pelo governo podem ser percebidas, nas memórias das moradoras mais antigas analisadas por Caroline Santos (2013, 29), como momentos de forte ruptura nas relações territoriais até então construídas por elas no espaço habitado. Isso aconteceu mais fortemente, como veremos mais adiante, quando uma ação do governo juntou, do dia para a noite, as Vilas Nova e Velha. O território, então, se complexificou, passou a habitar múltiplas temporalidades com novas moradoras construindo outras memórias a partir de suas experiências no espaço.

De acordo com relatos ouvidos por Caroline Santos (Ibidem, p. 27), houve entre a Ascol e Cristovam Buarque, candidato eleito para o Governo do Distrito Federal (GDF) em 1994, uma negociação no sentido de regularizar a Estrutural caso a ocupação não crescesse. Cristovam, inclusive, divulgou um vídeo no horário eleitoral no qual reafirmava esse discurso – reproduzido por Dias em seu documentário. O filme *Estrutural* enreda, então, uma narrativa que busca compreender o aumento populacional da região a partir da eleição de Cristovam Buarque, em 1994. Com a vitória do candidato do Partido dos Trabalhadores (PT), começou a circular na mídia e entre habitantes de outras regiões do DF a notícia de que a Estrutural seria regularizada. A chegada de Marlene e Joaquim, que logo despontaram como líderes locais na Vila Nova, e sua articulação com membros da oposição, que haviam apoiado o candidato de Joaquim Roriz nas eleições (Valmir Campelo, do Partido Trabalhista Brasileiro – PTB, por exemplo), estimularam ainda mais a chegada de pessoas à localidade.

O documentário é permeado por filmagens feitas durante episódio de maior tensão entre moradoras e governo. Esses fragmentos de vídeos amadores são confusos, a câmera por vezes aponta para o chão e só é possível ouvir vozes e gritos. Em uma sequência particularmente interessante, é possível ver Marlene circulando entre as habitantes, sorrindo, conversando com as pessoas. Há um corte, um menino, vestido de camisa social, canta uma música enquanto toca violão. É uma celebração para comemorar o Dia das Mães. O chão é de terra batida, uma vegetação descansa ao fundo, algumas edificações de tijolos aparentes perpassam as imagens. O céu azul e sem nuvens emoldura a paisagem. Entre o céu e a terra estão as pessoas, algumas dançando, outras observando. Sobre elas, um elemento se sobrepõe, verticalizando o olhar da observadora sobre a paisagem representada: uma placa altíssima onde se lê “madeireira”, com uma seta apontando à esquerda (*figura 4*). Novo corte. Pendurada em um barracão de lona aparece uma faixa assinada pelo deputado José Edmar, com os dizeres “Estrutural, tu és “mãe” que acolhe os filhos esquecidos pelo GDF”.



Figura 4: Cena do documentário "Estrutural". Reprodução do YouTube.

Essa sequência é simbólica e resume parte do argumento do filme de Dias. De acordo com depoimentos mostrados por Dias, Marlene e Joaquim, além de líderes locais, eram donas de uma madeireira. Boa parte das novas moradoras compravam seu “kit-invasão” (formado por lâminas de madeirite, pregos e telhas) em seu estabelecimento. Além disso, a ligação das duas com membros da oposição ao governo do Cristovam era, de acordo com os depoimentos, amplamente conhecida. Um dos argumentos implícitos do filme é de que existiam interesses pessoais, econômicos e políticos, que se sobrepunham aos interesses da coletividade, guiando as atuações políticas dessas líderes na Vila Nova.

Ao final de 1995, o governo Cristovam propôs que a área da Vila Nova, que estava destinada a ser a Cidade do Automóvel, fosse desocupada e suas moradoras migrassem para a Vila Velha. Em contrapartida, o GDF regularizaria a ocupação, mediante o cadastro das famílias assentadas (SANTOS, 2013, p. 29). O acordo foi firmado, e a remoção ocorreu sem diálogo com as moradoras antigas. Estes viram, de uma hora para outra, seu lugar de moradia se transformar com a chegada de milhares de pessoas. De acordo com Caroline dos Santos, essa junção das Vilas de forma impositiva, desorganizada e artificial, teve efeitos perversos para as habitantes mais antigas: “isso faz com que os moradores da Vila Velha tenham em comum certo ressentimento pelo momento, ao que atribuem o declínio da vida tranquila e em contato com a natureza que tinham” (Ibidem).

O filme *Estrutural* explora pouco os momentos iniciais da ocupação da área onde hoje se encontra a Estrutural. Os embates entre moradoras antigas e novas, bem como as disputas internas advindas da complexificação do território – multiterritorialização,¹⁰ nos termos de Rogério Haesbeart (2004) – tiveram papel secundário na narrativa de Dias. As memórias das moradoras exploradas pelo documentário se atêm, primordialmente, a momentos mais pontuais da história da cidade, como os confrontos entre população e governo ou as articulações entre lideranças locais e deputados do DF. A dimensão da experiência mais cotidiana, aquela através da qual a população dá sentido ao espaço através de suas práticas, não foi objeto de interesse no argumento do diretor.

O acordo firmado entre o GDF e as habitantes da Estrutural, no entanto, foi quebrado pela ação de Marlene e Joaquim, por meio da ASMOES (SANTOS, 2013, p. 33). Uma retomada da Vila Nova foi organizada. Segundo Ismael, morador da Estrutural e líder comunitário, em depoimento para o filme de Dias, a retomada foi uma provocação da oposição ao governo, “*chegaram a falar que toda a madeirite seria comprada na madeireira deles [Marlene e Joaquim]*”. Com a quebra do acordo, o governo organizou uma operação de remoção, com 3 mil policiais da tropa de choque, em 8 de agosto de 1997. Webson Dias, em uma roda de conversa no Casa da Cultura da América Latina, em 24 de maio de 2019, problematizou a existência de câmeras filmando ação policial. De fato, uma câmera de vídeo era um artigo extremamente

¹⁰ O autor questiona a noção de des-territorialização, sugerindo que esse termo, na verdade, sugere a fragmentação de um território em vários. Estes territórios múltiplos coexistem e geram embates em um mesmo espaço. Dessa forma, para Haesbeart é mais interessante falarmos em multiterritorialidades. Segundo o autor: “Multiterritorialidade inclui assim uma mudança não apenas quantitativa – pela maior diversidade de territórios que se colocam ao nosso dispor (ou pelo menos das classes mais privilegiadas) – mas também qualitativa, na medida em que temos hoje a possibilidade de combinar de uma forma inédita a intervenção e, de certa forma, a vivência, concomitante, de uma enorme gama de diferentes territórios. A chamada condição pós-moderna inclui assim uma multiterritorialidade.” (2004, p. 13).

caro na década de 1990, e a população da Estrutural era de baixa renda. O fato é que a operação é lembrada por moradoras como um verdadeiro massacre, algumas pessoas foram baleadas, muitas feridas. E as filmagens com cenas da invasão da polícia foram amplamente divulgadas por Joaquim Roriz em sua bem-sucedida campanha para se eleger a governador do DF, em 1998. A existência de uma filmadora nas mãos da população da Estrutural pode ser percebida, então, como indício de que ação de retomada da Vila Nova foi arquitetada, por líderes comunitárias e políticos da oposição, com intuítos eleitorais.

O filme *Estrutural*, em sua abordagem multi-temporal, apresenta ferramentas e informações que nos permitem desvelar algumas relações de poder que imprimiram (e suprimiram) marcas na cidade ao longo do tempo. As ações da polícia, por exemplo, exibidas por meio de fotografias, evidenciam como a prerrogativa do uso da violência pelo Estado imprimiu marcas profundas nas histórias contadas sobre a Cidade Estrutural. Uma fotografia especialmente simbólica utilizada no documentário (*figura 5*), mostra dezenas de policiais caminhando pelas ruas da cidade durante uma ação de desocupação de agosto de 1997. Não existe asfalto, nem casas em alvenaria. O que se vê, compondo a paisagem impressa na foto, são barracos de madeira. A marcha do batalhão de choque sobre o chão seco de terra, levanta uma fina nuvem de poeira. A suavidade da madeira, da terra, do azul do céu, contrastam com a densidade das vestes dos policiais, capacetes e seus cassetetes expostos na fotografia – símbolos da força da violência do Estado sobre o território vernacular.¹¹



Figura 5: Cena do documentário "Estrutural". Reprodução do YouTube.

¹¹ Nas palavras de Sharon Zukin: “[...] prefiro usar o termo “vernacular” para me referir à construção tanto dos edifícios quanto das relações sociais feitas pelos *desprovidos de poder*, em contraste – e frequentemente em conflito – com a paisagem imposta pelos detentores de poder.” (2000, p 106) [*grifos meus*]. O termo “vernacular” nos interessa aqui por jogar luz a uma construção “marginalizada” (no sentido de não ser reconhecida como central). No entanto, a expressão “desprovidos de poder”, em oposição aos “detentores de poder”, apaga a capacidade de agência dessas populações, a habilidade de fazer oposição ao *status quo* e de afirmar seus discursos – ainda que essa relação de poder seja assimétrica.

Após a retirada dos barracos na Vila Nova, o GDF nomeou, Wolney Rodrigues, um comandante da Polícia Militar, como administrador da Estrutural. Em depoimento concedido a Caroline Santos, o líder comunitário Ismael conta que cercaram todo o perímetro da cidade com cercas de arame farpado para impedir a construção de novos barracos. A entrada e saída das habitantes era controlada, não se podia entrar com mercadoria para abastecer os mercados internos. Ainda segundo Ismael, o GDF conseguiu transferir algumas famílias para Planaltina e o Recanto das Emas, mas a maioria se recusava a sair (SANTOS, 2013, pp. 33-34).

Em um trecho do documentário *Estrutural*, um morador fala sobre esse momento da história da cidade:

[Webson Dias]: Existia alguma pressão por parte da oposição no sentido de não querer que os moradores saíssem da Estrutural?

[Elias]: Eram feitas reuniões semanais falando que nem que o morador morresse não era pra sair dali.

[Webson Dias]: Quem fazia essas reuniões?

[Elias]: O deputado Zé Edmar e o grupo dele. Mas, mesmo assim, muitos moradores resolveram sair.

A ocupação resistia às pressões do governo para sua retirada. Um dos pontos altos dos confrontos entre o governo e moradores da Estrutural ocorreu em agosto de 1998, quando um policial militar foi morto em serviço durante uma ronda noturna na cidade. No dia seguinte, a polícia entrou na ocupação, “invadiu barracos provocando, segundo dados oficiais, a morte de três moradores e o ferimento de vários outros” (Ibidem, 38). A ação, noturna e acompanhada em parte pela imprensa, foi amplamente divulgada e as filmagens, reproduzidas por Dias em seu documentário, também serviram como material de campanha para eleger Roriz governador do DF, em outubro daquele ano.

Durante seu primeiro mandato, Roriz não regularizou a Cidade Estrutural – embora essa tenha sido uma de suas promessas de campanha. Após sua posse, a configuração dos movimentos sociais na Estrutural sofreu grandes mudanças. O documentário relata que Marlene e Joaquim foram embora, devido aos processos que corriam contra ela na justiça. A polícia foi retirada da Estrutural e o cerco à cidade acabou. Mas a região, além de não ser regularizada, ainda não tinha equipamentos básicos como rede de luz e água, escola, posto de saúde, por isso as manifestações e reivindicações coletivas continuavam (Ibidem, p. 43). Em 2002 foi aprovada pela Câmara Legislativa do DF, a Lei n. 530, que criou a Cidade Estrutural e a declarou como Zona Habitacional de Interesse Social e Público – ZHISP. Mas a principal ação urbanizadora na Estrutural foi empreendida em 2006, por meio de um empréstimo entre GDF e Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento – Bird. Foi assim que surgiu o Programa Brasília Sustentável que, em sua primeira etapa, investiu na urbanização de alguns pontos da Estrutural (Ibidem, p. 44).

Existem muitas críticas ao PIVE – Programa Integrado da Vila Estrutural, resultado da parceria entre GDF e Bird. Embora fosse prevista a ampla participação da população no desenvolvimento do projeto, depoimentos de moradores à pesquisadora Jessica Miranda (2016, p. 39), relatam que o que era decidido coletivamente, com frequência, foi mudado sem o conhecimento da população. Além disso, apesar de prever o reassentamento de famílias

removidas dentro da própria cidade, as novas casas foram construídas muito próximas ao lixão e à “lagoa de chorume” e, por isso, as obras foram por diversas vezes paralisadas pelo Ministério Público do Distrito Federal e Territórios. Segundo Miranda (2016, 41), os espaços desocupados pelas famílias removidas seriam recuperados, do ponto de vista ambiental, no entanto, o abandono da área e a demora do GDF em realizar qualquer obra ou cercamento na região são apontadas como um dos fatores determinantes para o surgimento da Santa Luzia. Do ponto de vista das melhorias na Cidade Estrutural, Camila Madalena (2012, p. 56) aponta que, apesar dos problemas na execução do PIVE, foi observada uma melhoria significativa na qualidade de vida na Estrutural para a maior parte das moradoras a partir de sua implementação, especialmente por causa das obras de saneamento básico, energia e coleta de lixo.

O documentário de Dias não aborda esse momento de intensa transformação urbana na cidade. A parte final do filme se concentra nos momentos pontuais mais recentes da Estrutural, como a disputa eleitoral para assumir a Prefeitura Comunitária, já na década de 2000. A narrativa permanece focada na influência que políticos profissionais exerceram sobre esses movimentos. Em oposição, a periferia da Estrutural, a Santa Luzia, aparece no documentário como retrato do desinteresse do poder público. A precariedade dessa ocupação urbana, retratada no fim do filme por meio de imagens que evidenciam uma paisagem pobre em infraestrutura, formada por ruas de barro e barracos de madeira (*figura 6*), levam a espectadora a se lembrar dos momentos iniciais da história da Cidade Estrutural, retratadas por meio de fotografias durante o documentário (*figura 7*).

Ao encerrar o filme com imagens de uma reunião de moradoras da Santa Luzia, o documentário *Estrutural* parece evocar a metáfora de um círculo. É como se toda a narrativa fílmica construída no decorrer de seus 89 minutos – histórias de lutas, precariedades, alianças, resistências e violências –, não direcionasse as espectadoras pelos caminhos de uma história linear com começo, meio e fim. *Estrutural* não nos convida a imaginar um horizonte próximo que seja pacífico, redentor, não faz menção a uma luta encerrada ou em vias de se encerrar. Pelo contrário, o que o surgimento da Santa Luzia parece (re)encenar, é uma luta pelo direito de habitar que está cada vez mais distante de um desfecho possível, inclusive a nível global. Como escreveu Mike Davis (2006, p. 26), em muitos países do sul global a “superurbanização é impulsionada pela reprodução da pobreza, não pela oferta de empregos”. Ou seja, as grandes e médias cidades não são mais como o lugar de possibilidades econômicas, mas territórios do possível diante do crescente excedente de mão-de-obra advindo da industrialização dos campos (agronegócio) e desindustrialização de muitas cidades. Nesse sentido, o que acompanhamos nas últimas duas décadas, não é o solucionar dos problemas urbanos levantados no século XX, mas justamente o seu aprofundamento com uma generalização notável das favelas, para citar uma expressão de Davis (Ibidem, p. 31). Assim, profetiza Davis, “as cidades do futuro, em vez de feitas de vidro e aço, como fora previsto por gerações anteriores de urbanistas, serão construídas em grande parte de tijolo aparente, palha, plástico reciclado, blocos de cimento e restos de madeira.” (Ibidem, 28-29).



Figura 6: Santa Luzia. Cena do documentário "Estrutural". Reprodução do YouTube.



Figura 7: Estrutural na década de 1990. Cena do documentário "Estrutural". Reprodução do YouTube.

No entanto, entre o pessimismo imobilizador de Davis e o sonho modernista das cidades de vidro e aço totalmente planejadas, existem outras possibilidades. O que o filme de Dias deixa evidente, é que a cidade é um constructo. Na sua materialidade estão impressas as desigualdades sociais e econômicas que culminam na formação de periferias urbanas. Mas estão impressas, também, as lutas de suas habitantes pelo direito à moradia, a capacidade de atuação dos movimentos sociais urbanos. Se a cidade é, por definição, o lugar do conflito, ela

também é o lugar de tantas possibilidades transformadoras. É nas convergências das experiências urbanas partilhadas (de resistência, solidariedade, desigualdade, exploração, precarização) que reside um enorme potencial de mudança e transformação (HARVEY, 2014, p. 61).

Referências

BIANCHI, Julia. Mapa do eixo sudoeste do DF. In: *Cartografia da Covid-19 e as mulheres: seguindo o rastro do vírus no DF (no prelo)*. Observatório amar.é.linha. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, 2020.

BOSI, Eclea. *O tempo vivo da memória: Ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

CAMARGO, Marcella. *Além do jornal: Representações fotográficas da Cidade Estrutural*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Faculdade de Comunicação – Departamento de Jornalismo, Universidade de Brasília, 2013. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/7273?mode=full> Último acesso em: 21 de outubro de 2020.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: a arte de fazer*. 17.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

DAVIS, Mike. *Planeta Favela*. São Paulo: Boitempo, 2006.

DISTRITO FEDERAL. Companhia de Planejamento do Distrito Federal. Pesquisa Distrital Por Amostras de Domicílios SCIA / Estrutural – 2018. Brasília: 2019. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/SCIA-Estrutural.pdf> Último acesso em: 21 de outubro de 2020.

ESTRUTURAL. Direção de Webson Dias. Independente. Distrito Federal, 2016. (89 minutos). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QZC5tjXxVsE> Último acesso em: 15 de setembro de 2020.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HARVEY, David. *Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HOLSTON, James. *A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2006.

LINGUAGEM inclusiva de gênero em trabalho acadêmico. 17 de agosto de 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/linguagem-inclusiva-de-genero-em-trabalho-academico> Último acesso em: 21 de outubro de 2020.

MADALENA, Camila. Avaliação do Projeto Integrado Vila Estrutural – PIVE. (Monografia). Departamento de Administração, Universidade de Brasília, 2012. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/4091/1/2012_CamilaMagalhaesMadalena.pdf Último acesso em: 15 de setembro de 2020.

MIRANDA, Jéssica. *Infraestrutura e qualidade de vida: o caso da Chácara Santa Luzia – Cidade Estrutural – DF.* (Monografia). Departamento de Geografia, Universidade de Brasília, 2016.

ORREGO, Juan Fernando. *Vila Estrutural: Uma abordagem sobre ocupação e a produção do espaço.* (Dissertação de mestrado) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, 2013. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13910/1/2013_JuanFernandoMunetonOrrego.pdf Último acesso em: 15 de setembro de 2020.

POLLICE, Fábio. O papel da identidade territorial nos processos de desenvolvimento local. In: *Espaço e cultura.* n.27. jan/jun 2010. Rio de Janeiro: UERJ. pp.7-23. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3539/2461> Último acesso em: 15 de setembro de 2020.]

PONTO DE MEMÓRIA DA ESTRUTURAL. Luta, resistência e conquista: uma experiência museal na Cidade Estrutural. In. *Cadernos do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina – CEOM.* Ano 27. n. 41 - Museologia Social. Unochapecó, 2014. pp. 373-388.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: *Usos & abusos da história oral.* FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. pp. 93-101.

SANTOS, Caroline. *Área de risco ou área de rico: Teorias sobre política, direito e respeito na Cidade Estrutural.* 2013. (Tese de doutorado) – Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/16674/1/2014_CarolineSoaresSantos.pdf Último acesso em: 15 de setembro de 2020.

WISNIK, Guilherme. Apresentação. In: BRAGA, Milton. *O concurso de Brasília: Sete projetos para uma capital.* São Paulo: Cosac Naify, 2010. pp. 06-27.

ZUKIN, Sharon. Paisagens do século XXI: notas sobre a mudança social e o espaço urbano. In: *O espaço da diferença.* ARANTES, Antonio (Org.). Campinas – SP: Papyrus, 2000. pp.104-115.